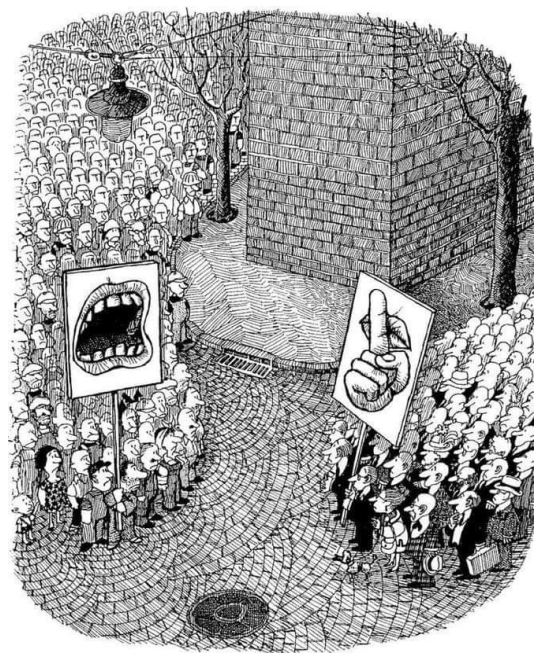


Departamento de História
História dos movimentos sociais no
Brasil
Disciplina optativa
Horário: Segunda-feira e Quarta-feira
de 11 a 13 h
Professora: María Verónica Secreto



Quino, 1986

DESCRIÇÃO DA EMENTA:

A política como disputa institucional, modelos e formas de participação política e cultural: movimentos dos trabalhadores urbanos, movimentos dos trabalhadores rurais, movimentos estudantis, os novos movimentos sociais, as instituições paraestatais (ONGs).

(Coordenação de graduação em História. *Ementário*. Projeto político pedagógico – história Universidade Federal Fluminense. Reforma curricular 2016-2018, Niterói, 2018).

Definir, a partir dessa ementa, um período para a disciplina é de alguma forma arbitrário. O termo “movimentos social” e as teorias em torno do conceito surgem nos anos 1960 para definir e descrever a demanda de coletivos sociais por mudanças pacíficas. Coletivos que, apelavam ao Estado, mas que não pretendiam tomá-lo como nas “revoluções”.

As novas demandas chegaram a ser classificadas de pós-materiais, sobretudo aquelas dessa primeira geração dos 60: etnia, gênero e estilo de vida. O novo fenômeno social requereu novas abordagens. Foi assim que na década de 1970 aparecem diferentes teorias dos já denominados “movimentos sociais”. Na sociologia a inclinação para esse objeto se torna clara, já na história os movimentos entrariam através de uma área de estudos específica: a história social que combinaria em suas análises elementos da observação direta (da participação inclusive dos historiadores nos novos movimentos) com a tradição marxista, que ia além das definições mais escolares, por não dizer tradicionais.

A crítica ao determinismo econômico na década de 1970 de fora do marxismo, mas também ao interior dele, foi o espaço de entendimento em que surgiram duas teorias sobre os Movimentos Sociais: a Teoria do Processo Político e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais. Ambas salientavam o papel da *ação/agência* nas ações coletivas. Cultura e política passam a ter enorme relevância nas análises das dinâmicas sociais. Os olhares se voltaram para o passado anterior à emergência dos MS propriamente ditos, os da década de 1960. Charles Tilly foi o grande expoente desse momento. Suas pesquisas sobre os séculos XVIII e XIX foram fundamentais para atentar a uma dinâmica da demanda que não poderia ser encapsulada no século XX. Tilly estabeleceu o diálogo e as bases para o diálogo entre revoluções e mobilizações.

Também no Brasil a década de 1970 foi uma de muita mobilização. Novas demandas e novos sujeitos apareceram. A sociologia brasileira deu conta do cenário de mudanças.

No campo historiográfico, como mencionamos, foi a história social a que esteve atenta aos significados das ações coletivas do passado. O século XIX foi revisitado e a “inação” das classes subalternas, preponderante na historiografia tradicional, foi sendo substituída por uma perspectiva que destacava a intencionalidade política da mobilização popular.

É difícil estabelecer uma continuidade em termos epistemológicos entre as abordagens dos movimentos sociais do XIX e os do XX. As do século XX parecem sentir-se mais confortáveis em lidar com a interdisciplinaridade, em que os instrumentos da antropologia e da sociologia ajudam o historiador a definir o objeto e estabelecer estratégias de abordagem.

Dividimos a disciplina em 4 partes. A primeira será teórica e mais global. As outras três partes são temático/temporais, restritas ao Brasil, embora em diálogo com as conexões com a América Latina: século XIX, século XX e uma última parte dedicada ao período pós 1988. Entendendo que cada um desses recortes temporais tem seu “tipo” ou seus tipos de movimentos sociais.

Parte 1

Teoria dos movimentos sociais.

Ação coletiva, conflito social, movimentos de protesta: em busca de uma definição.
O que diz a teoria sociológica? definindo os movimentos sociais

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. Nova Luna, 76, 2009.

PÉREZ LEDESMA, Manuel, “‘Cuando lleguen los días de la cólera’ (Movimientos sociales, teoría e historia).” *Zona Abierta*, nº64, 1994, [51-120].

O lugar dos movimentos na dinâmica social. Modelos de mudança social.

ALEXANDER, Jeffrey, “Ação coletiva, cultura e sociedade civil. Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº37, junho 1998.

TOURAINÉ, Alain, “Na fronteira dos movimentos sociais”, *Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 21, nº 1, pp. [17-28]

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Reconhecimento

HONNETH, Alex, “Desrespeito e resistência: a lógica moral dos conflitos sociais. In: *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003, [253-268].

Para uma teoria dos movimentos sociais

MELUCCI, Alberto, “Para uma teoria dos movimentos sociais”, in: *A invenção do presente. Movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Editora Vozes. 2001, [29-69].

Revoltas da fome, revoltas por impostos. Protesto popular, rebeliões e motins. As contribuições de Rudé, Thompson, Hobsbawm, Hill e Vilar à compreensão dos protestos populares e sua significação política.

RUDÉ, George, “Introdução” pp. 1-32; “A revolução francesa: o motim da fome”, pp. 115-131; “O capitão Swing e as filhas de Rebeca”, pp. 163-178. In: *A multidão na história*. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848). Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

THOMPSON, E. P. “A Economia moral da multidão Inglesa no século XVIII”. In: *Costumes em Comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras.

Parte 2.

O Brasil do século XIX. A historiografia das revoltas populares.
Leituras da independência a contrapelo

CARVALHO, Marcus de. *A Insurreição Praieira*. Almanack Brasiliense, 2008, [5-38]

DANTAS, Monica Duarte. De Rebeliões a Sedições: De Rebeliões a Sedições: Protesto popular e construção do Estado no Protesto popular e construção do Estado no Brasil oitocentista Brasil oitocentista. *Canoa do Tempo Revista do Prog. Pós-Graduação de História, Manaus* v. 5/6 – nº 1, jan./dez 2011/2012 [16-52].

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. *Nordeste insurgente (1850-1890)*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1993.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo*, 22, 2006, [5-30].

Os movimentos da crise do escravismo

ALONSO, Ângela. O Abolicionismo como movimento social. *Novos Estudos* 100, 2014, [115-138].

SECRETO, María Verónica. (Des)medidos. A revolta dos quebra-quilos (1874-1876). Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

Parte 3

O Brasil Republicano Rural. Canudos, ligas camponesas, MST.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. SP: Perseu Abramo, 2001.

PIÑEIRO, Diego, “Construyendo la hegemonía. El Movimiento de los Sin Tierra en el Brasil”. *En busca de la identidad. La acción colectiva en los conflictos agrarios de América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2004.

RANGEL, Socorro, Uma história da luta pela terra nas ligas camponesas. In: Lara, S. e Mendonça, J. *Direitos e Justiça no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006, [457-501].

Parte 4

O Brasil da Constituição de 1988. Conhecendo o processo da conquista de direitos.

CAVALCANTI, Manuella Paiva e Holanda; LIMA, Eden Tenório de. Marcha das Margaridas: Participação política, empoderamento e movimento social em rede das mulheres do campo e da floresta. *Revista de Antropologia do Centro Oeste*, v. 3 n. 5 (2016).

GOHN, Maria da Gloria. Jovens na política na atualidade: uma nova cultura de participação. In: *Caderno CRH, Salvador*, v. 31, n. 82, p. 117-133, jan.-abr. 2018.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. *Revista de Estudos Feministas*, 2008, vol.16, n.3, pp. 965-977.

Avaliação:

A avaliação será contínua.

Consideraremos o envolvimento do aluno com a disciplina a partir de sua participação em aula e a familiaridade com a bibliografia de cada tema.

Teremos duas avaliações: uma dissertativa e outra no formato de seminário.

Abril		Maio		Junho		Julho	
4	6	2	4	6	6	4	6
11	13	9	11	13	15	11	13
18	20	16	18	20	22	18	
25	27	23	25	27	29		
		31					

* Avaliações: dissertativa e seminários

** VS